SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

PE. PEDRO CALDERAN BELTRÃO, S. J.

Partindo de um paralelo entre o fenômeno histórico do desenvolvimento econômico como resultante da acumulação de conhecimentos científicos acêrca da natureza anorgânica, e o fenômeno atual do planejamento social como resultante da acumulação de conhecimentos científicos acêrca da própria Sociedade, evidencia o artigo a atualidade da Sociologia do Desenvolvimento como resultado de crescente tomada de consciência dos aspectos extra-econômicos da problemática desenvolvimento/subdesenvolvimento. Ligado historicamente à transformação tecnológica substancial, que foi a Revolução Industrial, o Desenvolvimento é processo preponderantemente tecnológico-econômico, mas acompanha-se sempre, quer como pré-requisitos, quer como concomitantes ou decorrências, de profundas e irreversíveis transformações em todos os setores da vida social, dentre as quais se salientam as ecológico-profissionais, as demográfico-familiais e as ideológico-culturais. As teorias sociológicas do Desenvolvimento podem classificar-se em três categorias conforme a interpretação seja sócio-econômica, sócio-cultural ou psico-sociológica.

ENCONTRA-SE a Humanidade em face de novas possibilidades concretas e, portanto, diante de uma nova tomada de consciência.

Pelos meados do século XVIII, após lento, pluri-secular acumular-se de conhecimentos científicos acêrca da natureza anorgânica, abria-se-lhe, pela primeira vez na História, a possibilidade concreta e ilimitada de domar as energias da Matéria, canalizando-as em seu próprio provei-

to. Surgia, assim, o fenômeno histórico do desenvolvimento econômico.

Hoje, nesta segunda metade do século XX, na crista também de um avanço cumulativo de conhecimentos científicos, desta vez acêrca da própria Sociedade, descortina-se, também pela primeira vez na História, uma nova possibilidade concreta, a de domar as próprias fôrças sociais em vista de um desenvolvimento acelerado, equilibrado, integral. É o fenômeno atual do planejamento econômico, da programação social.

De valor nacional que eram, confinados a algum povo ou região, o Desenvolvimento e o Planejamento passam a ser um valor de Humanidade, universal, histórico. É a Humanidade inteira que, hoje, sacode o jugo do subdesenvolvimento. É a Humanidade inteira que toma consciência de que não deve mais sofrer passivamente o processo histórico como um jôgo de fôrças cegas e de que, muito pelo contrário, já lhe é concretamente possível dirigir o curso da História, construir conscientemente o próprio Destino, autodeterminar-se, política e econômicamente, mesmo em nível de Humanidade.

Para o Cristão, mais que a possibilidade concreta de colaborar com o Senhor da História na direção da mesma rumo à Parusia do Cristo, constitui essa conjuntura um tremendo desafio histórico: continuará o curso da História a ser traçado, como nos dois séculos precedentes, por ideologias não cristãs, ou mesmo anticristãs?

"... A cultura atual salienta-se sobretudo por sua índole científica e técnica. Assim ninguém pode penetrar nas suas instituições se não fôr cientìficamente competente, tècnicamente capaz, profissionalmente perito. ... Requer-se, ao mesmo tempo, que desempenhem essas atividades (de ordem temporal) ... como resposta positiva a um mandamento de Deus, colaboração à Sua ação salvífica, e contribuição pessoal à realização de seus desígnios providenciais na história. Numa palavra, requer-se que as pessoas vivam, no próprio íntimo, o seu agir de cunho temporal como uma síntese dos elementos científico-técnico-profissionais e dos valôres espirituais" (Encíclica *Pacem in Terris*, 11-4-63).

Eis aí um programa de ... "espiritualidade do desenvolvimento" [1]

ATUALIDADE DA SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

A Sociologia do Desenvolvimento constitui o tema central do último Congresso Mundial de Sociologia, realizado em Washington, no mês de setembro de 1962. [2] Nesta ocasião, o conhecido sociólogo americano LIPSET iniciava a leitura do seu trabalho com a seguinte declaração:

"A problemática das condições sociais que favoreçam o consolidamento de estruturas políticas estáveis e não autoritárias nas novas nações da Ásia e África, tornou-se, neste após-guerra, uma das maiores preocupações dos estadistas e do mundo acadêmico. Surgiu assim um nôvo campo de pesquisa em economia, em ciência política e em sociologia: o estudo do desenvolvimento. O simples fato de que o V Congresso Mundial de Sociologia tome como seu tema principal para as sessões plenárias a Sociologia do Desenvolvimento, constitui precisamente um índice de sua crescente importância". [3]

Efetivamente, a Sociologia do Desenvolvimento começou a emergir como disciplina sociológica especial no decurso da última década, *pari passu* com a economia do de-

[1] Por mais rebarbativa que seja a expressão está sendo usada na América Latina, inclusive em documento oficial da Hierarquia. "Edifiquemos la grandeza y la libertad de nuestra tierra con la contribución generosa de todos sus hijos. No es ésta tarea indigna del cristiano, sino una implicación necesaria del amor a nuestro projimo necesitado. No es ésto un vergonzoso concentrarse en lo material sino una respuesta a la situación de subdesarrollo en que nos encontramos. No trepidemos en hablar de una verdadera 'espiritualidad del desarrollo económico'". Los Obispos de Chile hablan: *El deber social y político en la hora presente*, Publicación del Secretariado General del Episcopado de Chile, Santiago de Chile, 1962, 18.

"Par manque d'un engagement dans le temporel des catholiques, munis d'une spiritualité du développement, le progrès constitue um obstacle, ou se fait en dehors et contre la religon" (Monsieur l'abbé G. PEREZ, Centro de Investigaciones Sociales, Bogotá, Comunicação mimeografada ao V Congresso Mundial de Sociologia, Washington, 1962).

Sôbre *Religion et développement social en Amérique Latine*, pág. 12.

[2] Association Internationale de Sociologie, *La sociologie du développement*, Actes du Ve. Congrès Mondial de Sociologie (Washington, 2-8 sept. 1962), tome 2, Louvain, 1962, 208 págs.

[3] SEYMOUR M. LIPSET, *The United States — The First New Nation*, Paper for the Plenary Session on Sociology of Development for Fifth World Congres of Sociology, mimeo., pág. 1.

senvolvimento, embora ainda não iguale a esta na profusão de estudos. [4]

Não que sociólogos anteriores hajam deixado de versar êsse assunto em outro contexto e terminologia. Os que abordaram, por exemplo, a problemática da "mudança social", pelo menos desde o famoso *Social Change* de Ogburn (1922) com sua ênfase no fator tecnológico e no conceito de *cultural lag*, — para não falar de todo o veio marxista, — trataram de fato questões bem próximas da hodierna Sociologia do Desenvolvimento.

Pode-se mesmo asseverar que análoga temática se nos depara em problemas discutidos por sociólogos das primeiras gerações: por exemplo, nos estudos de MAX WEBER sôbre as relações entre os diversos sistemas ético-religiosos do mundo moderno e o espírito do capitalismo, nos de DURKHEIM a respeito das implicações sociológicas da "divisão do trabalho social" e da contraposição "solidariedade mecânica/orgânica", nos de SPENCER relativos à "sociedade industrial" confrontada com a "sociedade militar", nos de TOENNIES em tôrno do binômio "comunidade/sociedade", etc. Em certo sentido, a própria sociologia nasceu dessa problemática do desenvolvimento, a saber, da noção e ideologia do *progresso*, desencadeada pela Revolução Industrial e os primeiros processos históricos de desenvolvimento por volta de 1800, contraposta à idéia tradicional da *ordem*, como ficou teorizado nas considerações de COMTE acêrca da "estática social" e da "dinâmica social".

Entretanto, cumpre reconhecer que a atual Sociologia do Desenvolvimento apresenta peculiaridades que a distinguem nitidamente de tôdas essas elucubrações anteriores. Antes de tudo, considera-se hoje o fato histórico do "desenvolvimento" não como *um* processo de mudança social, mas como o processo de mudança social por excelência, o qual transformou a civilização contemporânea em época substancialmente nova da História. Em seguida, anàloga-

[4] Ao contrário da economia do desenvolvimento, não existe nenhum manual didático ou *textbook* de sociologia do desenvolvimento; há sòmente uma meia dúzia de livros específicos sôbre o assunto, uma dúzia de antologias, e uns quatro periódicos especializados.

mente ao fenômeno que, no relacionamento interno de cada sociedade, encontra-se à origem da ciência social contemporânea, a saber, o deslocamento da atenção dos fatos relativos às classes superiores aos que interessam todo o "povo", mormente as camadas inferiores, — não se restringe tampouco a hodierna Sociologia do Desenvolvimento à problemática do desenvolvimento, mas estende-se também e sobretudo à do *subdesenvolvimento* em seus aspectos específicos, que não se podem captar por simples referência aos do desenvolvimento. Importa salientar, enfim, que a Sociologia do Desenvolvimento surgiu da problemática *econômica* do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, através de uma crescente tomada de consciência por parte dos próprios economistas, de que essa problemática transborda amplamente dos quadros tradicionais da mera análise econômica.[5] Por sinal que a Sociologia do Desenvolvimento permanece ainda bastante ancorada na teoria econômica do desenvolvimento, constituindo por isso mesmo uma espécie de ponte entre a teoria econômica e a sociológica.

Sob o ângulo didático, daí resulta prestar-se a Sociologia do Desenvolvimento, quer como ponto-de-partida

[5] Eis alguns testemunhos que seria facílimo multiplicar: "É precisamente no campo tão vasto das realidades sociais, preteridas em análise econômica com o conceito abstrato de "fatôres não-econômicos", que se deve abandonar a hipótese do "equilíbrio" . . . Como êsses "fatôres não-econômicos" (hábitos tradicionais, sistemas de valôres, etc.) constituem de fato o veículo principal da causalidade circular nos processos cumulativos de mudança social, desconhecê-los representa uma das principais lacunas da teoria econômica" (GUNNAR MYRDAL, *Economic Theory and Under-Developed Regions*, London, Duckworth, 1957 (trad. bras.: ISEB, 1960), 8-10 ("The Inadequacy of the Inherited Theoretical Approach"), 29-31 ("The 'Non Economic Factors'"), 151-53 ("Unrealistic Assumptions").

"A teoria do desenvolvimento econômico não cabe, nos seus têrmos gerais, dentro das categorias da Análise Econômica. É êsse um ponto de-vista já bastante aceito hoje em dia, e caberia apenas citar os seminários sôbre desenvolvimento, organizados pela Universidade de Chicago, a partir de 1951, dos quais participaram sociólogos, antropólogos e historiadores ao lado dos economistas. A Análise Econômica nos não pode explicar a dinâmica das mudanças sociais senão de maneira limitada." . . . "No processo de desenvolvimento, o comportamento da taxa de capitalização é grandemente influenciado por fatôres institucionais e de outras ordens que atuam sôbre a propensão a consumir. Êste problema foi entrevisto por sociólogos, como MAX WEBER, que se preocuparam com as influências de certas formas do espírito religioso, particularmente o puritanismo, sôbre os hábitos dos consumidores nas etapas iniciais do capitalismo, e também por VEBLEN, grande crítico da Economia neoclássica, com quem são inegáveis os pontos de afinidade de DUESENBERRY que recentemente fêz importantes contribuições teóricas sôbre essa matéria" (CELSO FURTADO, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, Rio, Fundo de Cultura, 1961, págs. 89 e 103s.).

para ulterior abordagem mais pormenorizada e aprofundada dos diversos aspectos da dinâmica social contemporânea, quer como ponto-de-chegada, como síntese de anteriores tratados mais analíticos. Com efeito, tende ela a propiciar um conhecimento global dessas "estruturas e processos" que correm nas "sociedades modernas", como se exprime um expoente da sociologia americana em publicação recente. [6]

Em suma, estuda a Sociologia do Desenvolvimento essa difusão hoje, a bem dizer, universal, pelo menos em tendência, daquela profunda, substancial e irreversível mudança social que eclodiu há uns 200 anos no seio da civilização ocidental, ou, com maior precisão, em regiões da Europa noroestina.

CONSCIENTIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO DESENVOLVIMENTO

O pensamento dos economistas clássicos centrava-se em problemas de crescimento econômico a longo prazo. Era já uma teoria do desenvolvimento. [7] "Desenvolvimento das fôrças produtivas" — é expressão que encontramos já anteriormente, em pensadores "mercantilistas" dos séculos XVII e XVIII. Mas, nem êstes nem aquêles possuíam o recuo histórico necessário para os confrontos retrospetivos: o enfoque dos clássicos era forçosamente programático, dir-se-ia profético. Entretanto, justamente por ser a teoria dêles global, dinâmica e de longo período, não lhes faltam considerações de ordem extra-econômica, "sociológica".

A seguir, o pensamento marxista, em chamando fortemente a atenção para a causalidade fundamental dos fenômenos sócio-econômicos, — "infra-estrutural" para MARX, "estrutural-funcional" na terminologia hodierna —, bem como para a situação dos "outros", isto é, para a "exploração" da classe operária (MARX) e dos povos subjugados ao "imperialismo" (LENINE), sustentou êsse enfoque de longo prazo, ainda quando, entre 1875 e 1935

[6] TALCOTT PARSONS, *Structure and Process in Modern Societies*, The Free Press of Glencoe, 1960, 344 págs.

[7] Veja-se, a êste respeito, CELSO FURTADO, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961), obra em que o economista paraibano ensaia a superação das teorias do desenvolvimento clássica, marxista e keynesiana.

aproximadamente, o pensamento econômico neoclássico permaneceu quase exclusivamente fixado em análise de curto prazo, em questões de "imputação marginal", nas quais evidentemente não havia lugar para a problemática do desenvolvimento, que é essencialmente global, dinâmica e de longo período.

Além disso, encontra-se no pensamento de MARX a substância de um processo cumulativo de má distribuição da renda no interior da sociedade "capitalista", do qual seguazes de MARX, nomeadamente LENINE em *O imperialismo — Fase suprema do capitalismo*, deduziram lògicamente uma teoria das relações econômicas internacionais, enriquecida de novos elementos interpretativos, particularmente no que concerne aos problemas dos países "atrasados", na era de expansão dos monopólios e do colonialismo (últimos decênios do século XIX e primeiros do presente). Essa nova variável das relações exteriores, enxertada no sistema inacabado de MARX, funcionaria como válvula de escape destinada a aparar temporàriamente a queda secular da taxa de lucro e retardar, mas só para agravá-la ao depois, a crise final de todo o sistema "capitalista". Com isso a teoria marxista-leninista resume-se em nôvo processo cumulativo de má distribuição da renda, desta feita entre diversos países. De MARX a LENINE desloca-se, pois, o problema do crescente hiato entre classes possuidoras e classes proletárias, para um crescente hiato entre as altas rendas *per capita* dos países "capitalistas" e as baixas rendas dos "atrasados". Prescindindo da explicação dada por MARX e os marxistas ao fenômeno, [8] não resta dúvida de que aí se encontra já uma primeira e notável intuição da problemática desenvolvimento/subdesenvolvimento. [9]

Entretanto, no próprio seio da escola vienense, que inaugurara a época neoclássica tão apartada dessa proble-

[8] É sabido como MARX e os marxistas, ao criticarem a "alienação" do pensamento clássico — liberal ou socialista — que dissociava demasiadamente "teoria" e "praxis", julgaram-nas de tal forma que caíram na "alienação" contrária, a saber, a de colocarem a própria opção ideológico-política à base da ciência social e do levantamento da realidade, solapando a objetividade daquela e distorcendo tendenciosamente a esta.

[9] Reconhece-o, p. ex., VITTORIO MARRAMA, em *Saggio sullo sviluppo economico dei paesi arretrati*, Torino, Einaudi, 1958, 87-93.

mática, germinava o retôrno ao enfoque dinâmico de longo prazo — nunca, aliás, abandonada pela escola histórica alemã — na famosa obra de SCHUMPETER, *Teoria do desenvolvimento econômico* (1912), obra essa que só teve efeito retardado e, de resto, ficou demasiadamente concentrada num só fator, isto é, o papel do empresário com capacidade inovadora. [10]

MOMENTOS MARCANTES DESSA CONSCIENTIZAÇÃO

Sem pretender esgotar o assunto, assinalamos esquemàticamente:

1) *A primeira planificação para o desenvolvimento*, URSS 1928-1933: Além da influência teórica já mencionada, contribuiu o marxismo para essa tomada de consciência sobretudo mediante o bem sucedido primeiro "plano qüinqüenal" soviético, o qual, após dois momentos extremamente críticos, o da "contra-revolução" entre 1919 e 1921, e o da bancarrota da *Nova Política Econômica* (1921-1928), acabou por consolidar econômica e pòliticamente o regime, no momento exato em que, com a *krach* de Wall Street em 1928, parecia haver soado a hora do colapso total dos regimes liberais do Ocidente. [11]

2) *Nos anos 30*, uma profusão de escritos sôbre planificação econômica; acesa controvérsia a propósito da viabilidade econômica do molde coletivista; o consolidamento, através da "revolução keynesiana", do retôrno, do enfoque neoclássico estático, microeconômico e de curto período às perspectivas dinâmicas, macroeconômicas e de longo período; o surgimento dos estudos acêrca das relações entre conjuntura e *"trend"* secular; tôdas essas tendências do pensamento econômico ocidental confluíam para uma retomada de consciência da problemática do desenvol-

[10] JOSEPH SCHUMPETER, *Die Theorie der wirtschaftlichen Entwicklung*, Leipzig, Duncker & Humblot, 1912, 548 págs. A edição francesa, de 1935, traz um longo estudo introdutivo por FRANÇOIS PERROUX, que é hoje um dos líderes do pensamento francês acêrca do desenvolvimento.

[11] Veja-se, entre outros, CHARLES BETTELHEIM, *La planification soviétique*, Paris, 1939.

vimento e, concomitantemente, de aspectos extra-econômicos do fenômeno.

3) *A guerra de 1939-45* não fêz senão intensificar essas tendências, deslocando, porém, a ênfase, da problemática do desenvolvimento para a do subdesenvolvimento. Certamente não faltaram já antes da guerra estudos relativos à "industrialização dos países atrasados", mas durante a guerra multiplicaram-se êles, começando mesmo a interessar às instâncias internacionais (Sociedade das Nações). A guerra contribuiu, sobretudo, para afirmar um nôvo contexto político: a *freedom from* da Carta do Atlântico (1941) em substituição à *freedom of* de 1789; a primeira conferência das "Nações Unidas" em Hot Spring (1943) com o fito de definir a política internacional relativa à agricultura e à alimentação, por ocasião da qual se fêz a primeira e sumária classificação em "países industriais ricos", "países agrícolas ricos" e "países agrícolas pobres".

4) *Neste após-guerra* a problemática do subdesenvolvimento tornou-se central nas relações de influência ou fôrça política da guerra fria entre Leste e Oeste: a *Carta da ONU* (San Francisco, 1945) consubstancia em diversos artigos essa problemática; a III Sessão da Assembléia Geral da ONU (Paris, 1948) adota a resolução 198 acêrca do "desenvolvimento econômico dos países insuficientemente desenvolvidos" e a 200 sôbre "assistência técnica em vista do desenvolvimento econômico"; o surgimento das "democracias populares", desde êste mesmo ano de 1948, apresenta molde de desenvolvimento inspirado no socialismo e na planificação total; em 1949 o *Point Four* do Presidente TRUMAN concretiza a assistência técnica, por parte dos USA, aos países "subdesenvolvidos"; inicia-se a série das *emancipações políticas* dos países coloniais (Filipinas 1946, Índia 1947, Indonésia 1950, Ghana ex-Gold Coast 1950); a Conferência da *Commonwealth* britânica em Colombo (1950) decide plano de desenvolvimento para as regiões asiáticas, proposto pela Austrália; em 1951 uma comissão de cinco peritos apresenta à ONU o relatório fundamental sôbre "medidas para o desenvolvimento econômico dos países insuficientemente desenvolvidos".

5) O *Grande Despertar* dos povos subdesenvolvidos reboou no *Manifesto de Bandung* (1955) e, sobretudo com o nôvo curso político na França, provocou catadupa de emancipações políticas no continente africano, ao mesmo tempo que, no seio da ONU, a controvérsia entre os fautores do mero "fomento agrícola" e os da "industrialização dos países subdesenvolvidos" superava-se em favor dêstes, como está consignado na resolução 560 do Conselho Econômico e Social na base do relatório sôbre "métodos e problemas da industrialização dos países subdesenvolvidos" (1955). Também quanto a outros temas controvertidos, economistas do "Terceiro Mundo" [12] vieram impondo o próprio ponto-de-vista, nomeadamente quanto ao complicado problema "inflação e desenvolvimento". [13] Diversos outros acontecimentos vêm marcando o crescente pêso da problemática do desenvolvimento no plano internacional, como, por exemplo, a transformação da OECE (Organisation Européenne de Coopération Economique) na OCDE (Organisation de Coopération et Développement Economique) em 1960, a inauguração da "Década da ONU para o Desenvolvimento" em 1961, o congresso reunido em Genebra, em 1962, sôbre Tecnologia e Desenvolvimento, germe talvez de futura organização mundial de desenvolvimento industrial.

6) *No mundo acadêmico* revelou também a década 1950-60 crescente interêsse pela problemática do desenvolvimento e subdesenvolvimento: a Associação Internacional de Economia tem abordado o assunto em diversas oportunidades, desde o colóquio de Santa Margarida Lígure (1953) até ao último Congresso Mundial (Viena, setembro de 1962), que versou sôbre os problemas econômicos

[12] Expressão criada na França, — e hoje internacionalizada, — com a publicação, em 1956, da antologia *Le Tiers Monde — Sousdéveloppement et développement* —, G. BALANDIER éd., Presses Universitaires de France, 1961, 2.ª ed., por A. SAUVY, Coll. Institut National d'Etudes démographiques. Alude a analogia com a situação do *"tiers état"* no *"ancien régime"* francês.

[13] Cf. ROBERTO T. ALEMANN, "Die Theorie der peripherischen Wirtschaft", *Zeitschrift des Instituts fuer Weltwirtschaft*, 74 (1955) I 7-44, na qual se faz um balanço da teoria da "economia periférica" do argentino RAÚL PREBISCH, líder da nova escola latino-americana de economistas; JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES, *Controvérsia brasileira sôbre o desenvolvimento econômico*, Rio, Ed. Desenvolvimento e Conjuntura, 1961, 164 págs.; id., *Desenvolvimento econômico*, ib., 1962, 149 págs.

dos países subdesenvolvidos; os sociólogos, por seu turno, começaram a debruçar-se cada vez mais sôbre o tema, desde os seminários promovidos pela Universidade de Chicago a partir de 1951, até ao último Congresso Mundial de Sociologia (1962), ao qual já nos referimos.

7) O *planejamento para o desenvolvimento* tornou-se, enfim, o traço característico das políticas econômicas atuais, não sòmente dentro da órbita soviética e nos países relativamente subdesenvolvidos fora dela, senão também nos próprios países que se desenvolveram ainda em clima liberal. Pode-se mesmo afirmar com MYRDAL [14] que, se nos países subdesenvolvidos *fala-se* mais em planejamento, é de fato nos países desenvolvidos que *existe* cada vez mais um efetivo planejamento. [15]

O PROCESSO HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O simples fato de se falar em nações "desenvolvidas" e "subdesenvolvidas" está a dizer, implìcitamente, que o desenvolvimento é um fato histórico, isto é, que possui já uma história mais ou menos longa. Efetivamente, sói-se datá-lo de uns 200 anos a esta parte.

Certo é que os hodiernos processos de desenvolvimento apresentam características que lhes são peculiares, e compreende-se, inclusive, que cientistas sociais de países relativamente subdesenvolvidos concentrem sua atenção nesses aspectos específicos. [16] Mas ninguém pode pretender captar

[14] GUNNAR MYRDAL, *Beyond the Welfare State* — Economic Planning and Its International Implications —, London, Duckworth, 1960, 287 págs. (trad bras.: *O Estado do Futuro*, Rio, Zahar, 1962).

[15] HÉLIO JAGUARIBE, em *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*, Rio, Fundo de Cultura, 1962, apresenta razões plausíveis para essa diferença.

[16] "... Um *nôvo mundo social* está aparecendo na América Latina. Sob muitos aspectos, êle reproduz os contornos materiais e sociais dos "países desenvolvidos" de nossa civilização. Em muitos outros, êle traz consigo um espírito diferente na compreensão de velhas instituições sociais, de direitos fundamentais do homem e da própria natureza humana. Seria necessário dar ênfase a êsses aspectos, por assim dizer "peculiares". Os povos latino-americanos não devem repetir, no presente, o passado dos povos que construíram a civilização de que somos portadores. Todos êles se afirmam, nacional ou continentalmente, no ce-

essa especificidade sem referir-se aos fatos históricos, mormente àqueles primeiros processos de desenvolvimento surgidos na Europa noroestina entre 1750 e 1850, os quais, por serem pioneiros, tiveram que criar os primeiros padrões de desenvolvimento e de justiça social, tornando-se por isso mesmo ponto de referência para os mais recentes, ainda quando êstes adotem outros moldes ideológicos. Nem se pode precisar a própria noção de "desenvolvimento" sem considerar todos os fatos que a êle se referem, sem procurar captar o fenômeno em sua essencialidade histórica.

Em verdade, a tomarmos o problema de ângulo mais vasto, ninguém pode presumir compreender em profundidade uma realidade social sem estudar-lhe a dimensão histórica, isto é, sem perscrutar no passado, próximo e remoto, as linhas de fôrça ou tendências dinâmicas que, a longo andar, produziram as hodiernas configurações sócio-econômicas, sócio-culturais, psico-sociais. Essa decantada "consciência histórica" de que se usa e abusa em certos ambientes filosóficos ou ideológicos, nomeadamente nos que se tingem de marxismo, [17] permanece um conceito ôco, etéreo, se não

nário internacional, como fôrças dignas de consideração numa fase da história em que o poder de criação original preponderava sôbre a capacidade de imitação. . . . Há bens e valôres na herança social que não precisam nem devem ser sacrificados pela mudança social progressiva. Além disso, o *lado bom* e o *lado ruim* das técnicas, dos valôres e das instituições sociais dos "países desenvolvidos" podem ser reconhecidos, criticamente, através das experiências histórico sociais que nêles se vêm desenrolando. Se não prevalecer essa orientação, pelo menos na contribuição dos cientistas sociais (a partir do momento em que os planos de mudança social provocada se tornem exeqüíveis em larga escala), a história social de outros povos não nos servirá de nada. Os povos latino-americanos não estariam, pròpriamente, estabelecendo condições para o desenvolvimento social e a sua aceleração; mas, apenas, repetindo um padrão histórico, esgotado e reflexo, de desenvolvimento social, com anomalias básicas e dramas humanos que já podem ser corrigidos. Tentar evitar e superar riscos desta natureza é algo essencial para os destinos da América Latina e para o esplendor da moderna civilização ocidental nesta parte do Mundo. Isso nos leva a um desafio específico: se não seria melhor, aos povos latino-americanos, lutar denodada e esclarecidamente por potencialidades dessa civilização que mal foram exploradas pelos "povos desenvolvidos". Em vez de imitarem um passado morto e um presente incerto, estariam procurando condições de igualdade diante dêles, na construção de um futuro que se afigura próximo" (FLORESTAN FERNANDES, palavras conclusivas do estudo "Pattern and Rate of Development in Latin America", U.N. Economic and Social Council, México, 1960; o trecho que citamos, é duas vêzes reproduzido pelo próprio autor em *A sociologia numa era de revolução social*. São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1963, 298 págs. e 238 págs.).

[17] É o caso, no Brasil, dos rapazes da A.P. (Ação Popular), movimento de extrema-esquerda revolucionária (marxista), emanado entre 1961 e 1962 da

significa antes de mais nada conhecimento exato dos fatos históricos assim como de fato aconteceram.

A propósito, após um diuturno período de "atualismo" empírico, ou de "formalismo", "psicologismo", "antropologismo", parece que a sociologia hodierna tenta voltar à perspectiva histórica, por demais obliterada depois de MAX WEBER. O próprio "funcionalismo" parece estar passando de moda, pois que, em alta sede, já se fala do "mito" da análise funcional.[18] Talvez não seja de todo falso pensar que essas preocupações recentes com a problemática do Desenvolvimento hajam contribuído para tal recipiscência. Atente-se, por exemplo, às justas considerações de LIPSET no trabalho já citado, dentre as quais destacamos:

"Se a Sociologia do Desenvolvimento quiser ter algum significado, deverá incluir em sua pauta análises dos passados processos de desenvolvimento assim como se verificaram nos países hoje industrializados, junto às dos processos que hoje se desenrolam em nações em fase de desenvolvimento."

Menosprezar o passado, a história e a experiência de outrem é, aliás, passar a si mesmo atestado de idade mental ainda adolescente. Tanto os acertos como, e sobretudo, os erros de passadas experiências são instrutivos, como sàbiamente ponderou a *Mater et Magistra* (1961):

"A prudência aconselha que os países, que se encontram num estado inicial ou pouco avançado no campo econômico, tenham presentes as experiências por que passaram as Nações já desenvolvidas" (Ed. Vozes, n.º 164).

Do ponto-de-vista científico são relevantes tanto as constantes como as variantes de todos os processos de desenvolvimento, históricos e atuais.

JUC (Juventude Universitária Católica) e hoje articulado, com o apoio de jucistas e jecistas, em todo o território nacional, servindo de banho-maria para o pudim do PC... É o caso também do diretor do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), o marxista ÁLVARO VIEIRA PINTO, nos dois prolixos tomos de *Consciência e realidade nacional*, Rio, ISEB, 1960.

[18] KINSLEY DAVIS, "O mito da análise funcional como método especial em sociologia e antropologia", *Rev. do Instituto de Ciências Sociais*, Univ. do Brasil (Rio), 1(1962)1 199-237. O artigo reproduz a alocução do autor ao tomar posse da presidência da *American Sociological Association* em 1962.

O SIGNIFICADO HISTÓRICO-SOCIOLÓGICO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Os primeiros processos de desenvolvimento revelam-se vinculados de fato àquela profunda *transformação tecnológica* sazonada na segunda metade de século XVIII na Inglaterra e denominada "revolução industrial". Consistiu ela, essencialmente, em uma *sistemática substituição das fôrças musculares, humanas ou animais, pelas energias anorgânicas da natureza,* na instrumentação do trabalho, nos processos de produção, transporte, comunicação, etc. Era uma verdadeira solução de continuidade na tecnologia humana essa que não só *reforçava* as fôrças musculares, mas a elas se *substituia.*

Foram e são ilimitados os efeitos dessa transformação tecnológica sôbre a produtividade do trabalho humano,[19] os transportes[20] e comunicações, o bem-estar geral também

[19] A fôrça motriz, por exemplo, que desde os primórdios da História evoluíra de 0,1 CV (fôrça humana) para 0,4 CV (jumento, 2.000 anos a.C.), 0.8 (boi, 800 a.C.), 1 (cavalo com arreios racionais, 800 p.C.), 14 (moinhos de vento no séc. XI d.C.) e 10 CV (moinhos de vento nos séc. XVII-XVIII), passou com a máquina de WATT (1783) à ordem de 100 CV, à de 10.000 com a navegação a vapor por volta de 1850, à de 100.000 com as centrais hidráulicas em 1930, e à de 1 milhão até 100 milhões de CV com a propulsão do foguete cósmico desde 1961.

[20] "Se existe setor onde as técnicas modernas marcam profundamente tôda a vida humana, êste certamente é o dos transportes. Durante milênios não se lhe reconhece nenhum avanço notável, porquanto entre a invenção da roda a uns 2.000 anos antes de Cristo e o aparecimento do vapor em começos do séc. XIX, quase não houve nenhuma novidade nas condições de deslocamento das pessoas e das mercadorias, excetuando-se os progressos da navegação a vela no séc. XVI. As condições do deslocamento de ALEXANDRE, de CÉSAR, como as dos mandarins chineses, eram exatamente as mesmas que as de NAPOLEÃO, o qual, em suas viagens entre Paris e Moscou, perfazia média de 16 km por hora. Desde esta época, ao invés, o progresso tomou um andamento vertiginoso, quase explosivo, tanto assim que nenhum gráfico, mesmo sendo logarítmico, parece suscetível de exprimir uma lei de progressão regular.

Em 1810	perfaziam-se	16	km/h em diligência postal.
Em 1867	perfaziam-se	100	km/h em ferrovia.
Em 1935	perfaziam-se	300	km/h de avião.
Em 1958	perfaziam-se	3 000	km/h de jato.
Em 1961	perfaziam-se	40 000	km/h em foguete cósmico.

Bons pensadores julgam que êsse desenvolvimento extraordinário da velocidade e das facilidades de locomoção, ao qual veio somar-se o das telecomunicações para o intercâmbio de idéias, está à raiz das grandes convulsões que têm o seu desenlace nos programas de desenvolvimento do Terceiro Mundo. Pensa-se, com efeito, que foram êsses reiterados contatos entre povos de filosofia e civilização material diferentes que acarretaram a eclosão de novas aspirações no seio de populações que, por vêzes, viviam estagnadas em milenar imobilismo" (PAUL BOUR-

das massas populares, [21] enfim sôbre tôda a urdidura do relacionamento social. Os contemporâneos daquelas primeiras "máquinas" ficavam até com a impressão de serem espectadores de um processo *explosivo*, só comparável à que provamos hoje perante as proezas da exploração interplanetária.

Efetivamente, tem conhecido a História desde então um processo cumulativo de aceleração inaudita. A mudança social mudou de ritmo: antes da Revolução Industrial abrangia sua cadência vários séculos, quando não milênios; depois dessa transformação tecnológica essencial, mudanças sociais as mais profundas processam-se dentro dos limites de um século, de uma geração e até de menos. [22]

Note-se, de passagem, que em nossos dias inaugura a *automação* nova fase da Revolução Industrial, consistindo também ela na substituição, não já das fôrças musculares, mas das próprias energias cerebrais pelas da natureza anorgânica (cérebros eletrônicos, *robots*, etc.).

Essa substancial e irreversível transformação tecnológica vinha amadurecendo lentamente no bôjo de uma plurissecular acumulação de conhecimentos "científicos", isto é, resultantes de metódica e sistemática observação e experimentação das energias latentes na natureza ("Revolução Científica", 1300-1800). Não faltam, por isto, autores que preferem explicar o surto de atividade inovadora que precedeu e fundamentou a revolução industrial britânica, não em têrmos de ética protestante, conforme à tese famosa de MAX WEBER, e sim em têrmos de uma alastrada fé no poder de contrôle adquirido pela Humanidade sôbre o seu meio-ambiente. Afinal de contas, o ponto-de-apoio arquimédico, que soergueu todo o Mundo moderno e mudou o curso da História, foi essa centelha de Divino que em nós levamos, ou melhor, que nos leva para a frente, até

RUÈRES, "Les techniques modernes de transport dans les pays en voie de développement", *Tiers Monde* (Paris), oct.déc. 1962, 647 págs.).

[21] Êste aspecto é brilhantemente ilustrado por JEAN FOURASTIÉ, em *Machinisme et Bien-Être* — Niveau de vie et genre de vie en France de 1700 à nos jours —, Paris, Ed. de Minuit, 1962 (2.ª ed.), 251 págs.

[22] Cf. *Encyclopédie Française*, Tome XX (1959, "Le Monde en devenir (histoire, évolution, perspectives), págs. 20.24-1 a 6: "L'accélération de l'évolution" (François Meyer).

a Parusia do Cristo, e que se chama Espírito. Não precisava, pois, vir êsse avanço da tecnologia humana de envôlta com ideologias materialistas. . . O fato de que isto de fato tem acontecido, constitui a maior "contradição" do mundo moderno.

Entretanto, o que mais importa para a Sociologia do Desenvolvimento é compreender os vínculos que ligam a revolução industrial, não com o passado, mas com o futuro, isto é, com o fenômeno do desenvolvimento. Primeiramente, em têrmos econômicos de aumento não só da produção, mas sobretudo da produtividade. Ora, foi justamente aquela sistemática *substituição* das fôrças musculares pelas energias da matéria que acarretou, pela primeira vez na História, a possibilidade concreta de aumentar-se a produtividade sem cessar, indefinidamente. O economista patrício J. P. ALMEIDA MAGALHÃES centra bem a questão: [23]

"A função da tecnologia em constante progresso foi permitir êsse aumento (da produtividade) sem que houvesse uma "saturação" de capital . . . Para aumentar a produtividade dos seus trabalhadores, um imperador romano poderia fornecer-lhes, inicialmente, dois ou três tipos diferentes de pás; mais tarde, quando novos capitais se tornassem disponíveis, carretas, animais de tração, etc. Após um período relativamente curto, entraríamos na fase de "saturação" de capitais. Em verdade, um trabalhador pode utilizar três tipos diferentes de pás, conforme o terreno em que trabalha; cada cinco trabalhadores são capazes de empregar, proveitosamente, uma carreta. Pouca utilidade haveria, porém, em se proporcionar trinta pás a cada trabalhador ou dez carretas para cada três homens. Ora, em uma sociedade, como a capitalista (entenda-se: com elevado grau de capitalização em têrmos reais), em que a tecnologia progride constantemente, passaríamos das pás e carretas, para as britadeiras, a dinamite, os caminhões, os diferentes tipos de tratores, a aparelhagem de telecomunicação, etc. Em conseqüência, estradas de melhor qualidade do que na antiga Roma são hoje construídas com menos trabalhadores e em menor tempo".

[23] JOÃO PAULO DE ALMEIDA MAGALHÃES, *Desenvolvimento econômico* (1962), ob. cit., 11s.

Assim, não sòmente tornou-se o fator tecnológico-econômico preponderante no processo histórico desde então,[24] como também não se pode conceber desenvolvimento se não em têrmos industriais. Se há uma constante nos processos históricos de desenvolvimento, essa é sobretudo a vinculação entre industrialização, no sentido preciso que definimos, e processo de desenvolvimento econômico com tôdas as suas outras coordenadas sociológicas, que ainda vamos considerar. As aparentes exceções a essa regra geral são tais que a confirmam, pois sempre se trata de sistemas econômicos que, se, por um lado, apresentam grau de desenvolvimento superior ao de industrialização, como no caso de algumas pequenas unidades européias (Suíça, Dinamarca) ou mesmo de grandes unidades agrícolas em outro continente (Austrália, Nova Zelândia), desfrutam, por outro lado, de particulares condições de integração *não colonial* em sistemas econômicos mais amplos e altamente industrializados (sistema europeu, escandinavo, *Commonwealth*). Poder-se-ia quando muito afirmar que tais unidades econômicas desenvolvidas, mas não industrializadas endògenamente em igual medida, jamais se tornam por isso mesmo um "pólo de desenvolvimento", permanecendo antes periféricas, se não satélites. Seja como fôr, a verdade é que, se há casos de desenvolvimento sem correspondente industrialização, certamente não se poderá citar um só caso sequer de industrialização sem desenvolvimento.[25]

Tôda demarche científica tende a classificar os fatos observados. Assim também, estudados com rigor científico os fatos relativos aos processos históricos e atuais de desen-

[24] Que o fator tecnológico econômico seja preponderante em todo processo de desenvolvimento, sabem-no, melhor do que os seus adversários, os marxistas, por sinal que é na Rússia que hoje se forma a maior proporção de técnicos e engenheiros . . . Naturalmente, *antes de tomarem o poder* com seus famosos golpes militares, como na Rússia, nas "democracias populares", na China, em Cuba, etc., a maquiavélica "praxis" dos marxistas leva-os a *ideologizar* ao máximo tôda a questão do desenvolvimento, exatamente como fazem no Brasil, mormente através do ISEB e da AP.

[25] Reconhece-o lealmente FRANÇOIS PERROUX, em *L'économie des jeunes nations*, Paris, Presses Universitaires de France, 1962, 19: "A indústria traz às nações prosperidade e potência. . . . Concorda-se hoje, quase sem exceção, que um grande papel desempenhará a industrialização no desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos."

volvimento econômico, cumpre classificá-los no tempo (*etapas*) e no espaço (*padrões*). Quanto às etapas do desenvolvimento econômico, o melhor esquema operativo até hoje apresentado é o de ROSTOW,[26] em que pêse às críticas, não raro simplesmente ideológicas, que até agora se levantaram contra êle. Evidentemente, não quer isto dizer que o esquema seja perfeito. Quanto aos padrões de desenvolvimento econômico, pode servir o esquema do sociólogo HOSELITZ,[27] que combina três pares de variáveis dos processos históricos e atuais de desenvolvimento: extensivo ou intensivo, central ou periférico, espontâneo ou induzido.

COORDENADAS SOCIOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Atingimos agora o campo específico da *Sociologia* do Desenvolvimento. Mas não é inútil insistir, como fizemos, no aspecto tecnológico-econômico, porque, também no Brasil, não raro se extraviam os sociólogos em dissertações etéreas, carecem mesmo de noção precisa acêrca do próprio fenômeno do desenvolvimento, deixam-se enredar por pensamento ideológico essencialmente unilateral, por falta de conhecimento aprofundado de aspecto tão fundamental como é o tecnológico-econômico.

Sempre e em tôda parte, acompanha-se o desenvolvimento econômico de profundas e irreversíveis transformações em, pràticamente, todos os setores da vida social. A observação histórica e atual permite sistematizar-lhes o estudo em três pares de variáveis, estreitamente ligadas, não só com o processo de desenvolvimento econômico, senão também entre si:

— a variável ecológico-profissional;
— a variável demográfico-familial;
— a variável ideológico-cultural.

26 WALT W. ROSTOW, *The Stages of Economic Growth* — A Non-Communist Manifesto —, Cambridge Univ. Press, 1960, 179 págs. (trad. bras.: Zahar, 1961).

27 BERT F. HOSELITZ, *Sociological Aspects of Economic Growth*, Glencoe, The Free Press, 1962² (1960), cap. 4: "Patterns of Economic Growth", págs. 85-115 (reproduzido de *Can. J. Econ. Pol. Sci.*, Nov. 1955).

Precisamente porque ligado de fato e de direito com a industrialização, acarreta o desenvolvimento econômico um processo cumulativo e acelerado de *urbanização* (aspecto ecológico, ou seja transformação do ambiente de vida). Nos hodiernos processos defrontamos até com fenômenos de *superurbanização,* responsável, aliás, em grande parte, por maior marginalização de populações proletárias.[28] O fenômeno é tão generalizado que se observa mesmo em moldes socialistas de desenvolvimento. [29]

Por sua vez, manifesta-se o vínculo entre industrialização e urbanização através de vasta *redistribuição profissional* (transformação do ambiente de trabalho). Êste fenômeno de "mobilidade profissional", tão ìntimamente ligado com o desenvolvimento que representa um de seus elementos constitutivos, sacode os próprios alicerces da *estratificação social,* empolgando camadas cada vez mais numerosas da população respectiva num ingente mecanismo de "mobilidade social". Se a Sociologia do Desenvolvimento propicia hoje as melhores condições para o encontro de economistas e sociólogos, vale isso sobretudo no que concerne essa interdependência dos processos de desenvolvimento e os de estratificação e mobilidade sociais. A análise do fenômeno não pode prescindir das categorias elaboradas pelos economistas britânicos FISHER e COLIN CLARK, os quais, já desde os anos 30, introduziram a distinção hoje clássica, de tôdas as atividades econômicas em três grandes setores: primário, secundário, terciário. Do ponto-de-vista sociológico impõe-se a consideração de que, no decurso de um processo de desenvolvimento, vive a sociedade respectiva intenso fenômeno de "secundarização" e, após uma primeira fase, sobretudo de "terciarização" de tôda a vida social. Em verdade, é tôda a realidade "trabalho" que assim se transforma profundamente no proceso de desenvolvimento: de atividades mais braçais a atividades mais mentais. Dentre todos os variados critérios que se podem aplicar a essa distinção de setores pro-

[28] Cf. ALESSANDRO PIZZORNO, "Sviluppo economico e urbanizzazione". *Quaderni di Sociologia,* XI (1962) Nuova Serie, 1 23-51 (trabalho apresentado ao V Congresso Mundial de Sociologia).

[29] Veja HENRI CHAMBRE, "L'urbanisation en U.R.S.S.", *Revue de l'Action Populaire* (Paris), févr. 1963, 247-51.

dutivos, o mais operativo em sociologia do desenvolvimento é o da relação entre a atividade produtiva e a própria natureza do agente humano: do primário ao secundário, e sobretudo ao terciário opera-se crescente "humanização" do trabalho, no sentido metafísico, se não sentimental, da palavra, isto é, no sentido de o tornar mais e mais consentâneo com o que possui a pessoa humana de mais profundo e mais humano, que é o Espírito, e não a Matéria.

É por isto que, além do problema *tecnológico* (relacionamento homem/natureza), todo processo de desenvolvimento levanta o problema *personalístico* (relacionamento do homem consigo mesmo, em têrmos de realização da própria personalidade humana, que comporta o primado do Espírito sôbre a Matéria), como levanta, ao mesmo tempo, o problema *solidarístico* (relacionamento de homem a homem, quer na dimensão individual, quer na grupal). Não é por nada que as duas grandes ideologias "desenvolvimentistas" — como logo veremos — foram, primeiro, o liberalismo individualista e, ao depois, o socialismo coletivista.

A variável *demográfica* é a que apresenta um dos aspectos mais específicos nos hodiernos processos de desenvolvimento, devido a ingressarem mais cedo e mais intensamente em fase de explosão populacional os países ainda hoje relativamente subdesenvolvidos, fase essa caracterizada pela queda secular da mortalidade. É que, ao contrário do que sucedeu nos primeiros processos históricos de desenvolvimento, existe hoje dissociação entre progresso econômico e progresso médico-sanitário. Com outras palavras, desfrutam hoje neste setor os países subdesenvolvidos de considerável defasagem por antecipação. Assim, o binômio *População/Desenvolvimento* tem sido abundantemente abordado por demógrafos, economistas e sociólogos.

O mesmo, infelizmente, não se pode dizer do binômio *Família/Desenvolvimento*. Isso é lastimável, porque, em ultima análise, essa "revolução demográfica" (queda secular da fecundidade), tão ìntimamente relacionada ao processo de desenvolvimento que transcende mesmo seus quadros ideológicos, não encontra explicação cabal senão em têrmos de

sociologia da família contemporânea. E assim, por não se identificarem com rigor científico as mudanças profundas e irreversíveis sobrevindas às estruturas e funções da Família sob o impacto do desenvolvimento, persistem a êste propósito, mesmo entre cientistas sociais, idéias tão generalizadas quanto errôneas, como sejam a de que esteja essencialmente ligado com o "capitalismo" o problema neomaltusiano, a de que se deva atribuir a fatôres biológicos o declínio da fecundidade (JOSUÉ DE CASTRO) ou a de que exista o dilema "desenvolvimento ou contrôle dos nascimentos".

A Civilização Ocidental, no seio da qual germinou de fato o processo de desenvolvimento, apresenta nítidas fases de evolução sócio-cultural, como sejam o *clericalismo* social e cultural vigente na Idade Média, o *humanismo* aclerical ou laical (antropocêntrico) com a ascensão da aristocracia feudal ao poder absolutista, a cultura *científico-técnica* com a ascensão da burguesia e o liberalismo, a *"questão social"* com a ascensão do proletariado e o socialismo, enfim a ascensão das classes médias com as *sínteses* sócio-culturais e político-sociais, que formam o traço mais característico do presente século, resultante do mais formidável embate ideologico da História.

Sendo o ideológico essencialmente um pensamento de engajamento e de luta, ligado por isso mesmo à situação de pessoas e grupos em determinada dinâmica social, seja para mantê-la, seja para mudá-la, compreende-se que todo processo de desenvolvimento implique profunda efervescência ideológica e que pensadores destituídos de formação positiva no setor social, não sejam capazes de versar tema de desenvolvimento se não em têrmos ideológicos, quando não partam mesmo de prévia opção ideológica com visível detrimento da objetividade científica. Assim perduram, por exemplo, no Brasil, idéias as mais errôneas, como sejam a de que se deva rejeitar liberalismo ou socialismo em bloco, ou a de que o socialismo marca a linha da História, a de que não haja solução para o subdesenvolvimento se não em têrmos de socialismo ou de liberalismo, a de que exista o dilema "planejamento ou liberdade", etc.

CONCEITUAÇÃO, MECÂNICA E CRITÉRIOS DO DESENVOLVIMENTO

Em ciência social autêntica não se elaboram apriorìsticamente nem mesmo os próprios conceitos. A observação exata dos fatos relativos a todos os processos de desenvolvimento permite-nos propor agora a seguinte noção de desenvolvimento: *é um processo inédito e irreversível de mudança social através do qual se instaura em uma região um mecanismo endógeno de crescimento econômico cumulativo e diferenciado.* [30]

Admite-se, hoje, a bem dizer com unanimidade, que "desenvolvimento" não é o mesmo que "crescimento". O terceiro conceito — "progresso" — proposto pela escola francesa (PERROUX, BLARDONE, LEBRET) já contém juízo de valor. No fundo, êstes autores querem simplesmente dizer que as disparidades regionais, setoriais e sociais decorrem da própria mecânica do desenvolvimento, como o frisou MYRDAL com um certo exagêro, e, portanto, não podem ser corrigidas ou prevenidas se não através do planejamento global.

Pior, todavia, é a carência de lógica dos autores anglo-saxões que se atêm simplesmente ao critério da renda *per capita*, o qual — e isto vale para todos os outros "critérios" elaborados, por exemplo, por ALFRED SAUVY ou por CLAUDE LÉVY — não sendo elementos constitutivos, mas simples distintivos, e ademais, prestando o flanco a diversas críticas, fàcilmente induzem em êrro quem não esteja suficientemente enfronhado na problemática do desenvolvimento e do subdesenvolvimento.

TEORIAS SOCIOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO

Diversas teorias sociológicas têm sido apresentadas nestes últimos anos, com o fito de *explicar* o fenômeno do desenvolvimento e o do subdesenvolvimento, bem como a transição entre ambos. Podem classificar-se em três categorias:

30 Coteje-se a definição de FRANÇOIS PERROUX, em *L'économie du XXe. siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 1961, 155: "O desenvolvimento é a combinação de mudanças mentais e sociais de uma população, que a capacitam a fazer crescer, cumulativa e duràvelmente, o seu produto real global".

1. *Interpretação sócio-econômica*: aponta fatôres não-econômicos que parecem mais relevantes do ponto-de-vista econômico; são, em geral, pistas abertas por economistas, na intenção de sociólogos e outros cientistas sociais; assim, por exemplo, as de ROSTOW [31] e de MYINT.[32]

2. *Interpretação sócio-cultural*: põe em evidência padrões de comportamento social que "explicariam" as diferentes situações, bem como a transição; provém de sociólogos pròpriamente ditos, como TALCOTT PARSONS,[33] MARION LÉVY,[34] HOSELITZ.[35]

3. *Interpretação psico-sociológica*: isola algum tipo de "personalidade social" e de "necessidade" que explicariam a gênese do processo de desenvolvimento; é, geralmente, elaborada por psicólogos que começam a interessar-se pela problemática do desenvolvimento, tais como DANIEL LERNER [36] e MCCLELLAND;[37] pertence também a esta categoria a "teoria da mudança social" do economista HAGEN.[38]

As rápidas considerações tecidas nos acanhados moldes do presente artigo, talvez sejam suficientes para entremostrar como a Sociologia do Desenvolvimento é capaz de renovar o método sociológico, não só no sentido já mencionado, de dar maior importância à dimensão histórica, senão também no de redimir a Sociologia dêsse nascisismo irri-

[31] WALT W. ROSTOW, *The Process of Economic Growth*, Oxford, Clarendom Press, 1953, 282 págs.

[32] HLA MYINT, "An Interpretation of Economic Backwardness", *Oxford Economic Papers* — New Series —, June 1954, 132-63.

[33] TALCOTT PARSONS, *The Social System*, The Free Press of Glencoe, 1951, nomeadamente o esquema sôbre "pattern variables of role-definition", págs. 58-67.

[34] MARION J. LÉVY, "Some Sources of the Vulnerability of the Structures of Relatively Non-Industrialized Societies to Those of Highly Industrialized Societies", *in* BERT F. HOSELITZ ed., *The Progress of Underdeveloped Countries*, The Univ. of Chicago Press, 1952, 114-25.

[35] BERT F. HOSELITZ, "Social Structure and Economic Growth", *Economia Internazionale* 6 (Agôsto 1953) 52-77: "A Sociological Approach to Economic Development", *Atti del Congresso Internazionale di studio sul problema delle aree arretrate*, Milano, Centro Nazionale di Prevenzione e Difesa Sociale, 1955, II, 735-78; ambos reproduzidos em *Sociological Aspects of Economic Growth* (1960), ob. cit.

[36] DANIEL LERNER, *The Passing of Traditional Society* — Modernizing the Middle East —, The Free Press of Glencoe, 1958, 466 págs.

[37] DAVID C. MCCLELLAND, *The Achieving Society*, Princeton, D. van Nostrand Co., 1961, 512 págs.

[38] EVERETT E. HAGEN, *On the Theory of Social Change* — How Economic Growth Begins —, Homewood (Illinois), The Dorsey Press, 1962, 557 págs.

tante de mulher que não acaba de se toucar ao espelho, quando já é hora de sair para o baile . . . Só assim, tornando-se mais objetiva e funcional, pode a Sociologia — ciência da interdependência dos fenômenos sociais — desempenhar o seu importante papel, junto aos demais cientistas sociais, nomeadamente os economistas, bem como junto aos planejadores e aos governantes. [39]

[39] Os temas tratados no presente artigo são desenvolvidos no livro, que temos em preparo para a coleção do IEPS, Ed. Agir, sôbre *Sociologia do Desenvolvimento*.